



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O QUE AS IMAGENS DIZEM NAS REDES SOCIAIS? HISTÓRIA, MEMÓRIA E CIRCULAÇÃO DO SENTIDO NO FACEBOOK

Daniel Mariano¹

Resumo: Este artigo demonstra como a circulação de imagens pelas redes sociais é elevada e analisa uma montagem visual composta por duas fotografias que trafegou nos meses de novembro a dezembro de 2015 pela página eletrônica no Facebook da usuária *Socialista Morena*, com o objetivo de mostrar como essa imagem é portadora de uma discursividade composta por diferentes formações discursivas e ao circular para outras páginas virtuais no Facebook, poderá mobilizar diferentes efeitos de sentido na ordem do discurso. Utilizamos, em nossa análise, alguns pressupostos teóricos da AD de orientação francesa e percebemos que cada fotografia da montagem é portadora de uma formação discursiva distinta, apesar da semelhança entre as ações que as compõem, mas quando analisadas em conjunto, apresentam um determinado efeito de sentido.

Palavras-chave: Redes sociais; formação discursiva; significação.

Resumen: Este artículo muestra cómo la circulación de imágenes a través de las redes sociales es alta y analiza un conjunto visual compuesto de dos fotografías que circuló en los meses de noviembre a diciembre de 2015 por la página electrónica de usuario de Facebook *Socialista Morena*, con el fin de mostrar cómo esta imagen lleva un discurso compuesto por diferentes formaciones discursivas y se trasladó a otras páginas virtuales en Facebook, podrá movilizar diferentes efectos de sentido en el orden del discurso. Hemos utilizado en nuestro análisis, algunos supuestos teóricos de AD orientación francesa y nos damos cuenta que cada conjunto de fotografía lleva una formación discursiva distinta, a pesar de la similitud entre las acciones que conforman, pero cuando se toman juntos, tienen un cierto efecto de sentido.

Palabras clave: Redes sociales; formación discursiva; significación.

¹ Doutorando em Linguística (PPGL/UFSCar). Pesquisa memória, discurso e silenciamento. Bolsista Capes.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

Vivemos em uma sociedade na qual a comunicação passou a ser mediada por meio de dispositivos eletrônicos e digitais que se conectam virtualmente à Internet e possibilitam que os usuários naveguem em tempo real pelas redes sociais. Nesses espaços de interatividade, a imagem é uma das materialidades discursivas mais propagadas entre as páginas eletrônicas.

Propomos, neste trabalho, demonstrar que a circulação de imagens pelas redes sociais é uma prática comum e numerosa, mas também analisar uma montagem visual composta por duas fotografias que trafegou nos meses de novembro a dezembro de 2015 pela página eletrônica no Facebook da usuária *Socialista Morena*, com o objetivo de atestar como essa materialidade imagética é portadora de uma discursividade composta por diferentes formações discursivas e ao circular para outras páginas virtuais no Facebook, poderá mobilizar diferentes efeitos de sentido na ordem do discurso. Para tal tarefa, utilizaremos alguns pressupostos teóricos da AD de orientação francesa, especialmente, os que tratam das condições de produção, formação discursiva, memória e efeitos de sentido.

As redes sociais e a circulação de imagens

A revolução digital, advinda do desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, mudou as formas simbólicas, sociais e culturais de representarmos o mundo. Com o advento da Web 2.0, o computador e os dispositivos móveis tornaram-se ferramentas interativas conectadas a redes capazes de navegarem virtualmente por plataformas líquidas do ciberespaço. “A sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” (CASTELLS, 1999, p. 43).

Essa conectividade moderna fez com que as informações transitassem com grande velocidade entre os aparelhos eletrônicos criados não apenas para armazenarem dados em uma memória rígida e metálica, mas para comunicarem mensagens diversificadas entre seus usuários.

A comunicação on-line desses dispositivos é sem dúvida uma das ferramentas digitais mais acionadas pelos dedos de seus portadores. Esses links virtuais, organizados



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

imageticamente nas telas dos equipamentos, são representados por ícones, ou seja, pequenas imagens ou desenhos de fácil visibilidade ao olhar humano.

Dessa forma, podemos afirmar que a imagem é uma representação semio-simbólica predominante no universo linguístico-visual do ciberespaço, já que há uma quantidade significativa de ícones, cores, desenhos, infográficos, fotografias, charges entre outros, organizados ou não, que saltam aos nossos olhos quando estamos conectados à grande Rede (RECUERO, 2009).

Essa predominância da linguagem visual também ocorre no interior das páginas eletrônicas que configuram as redes sociais. Surgidas com o aprimoramento da Web e das novas tecnologias, essas redes de conectividade entre os usuários de diferentes regiões do planeta têm no aspecto imagético um de seus principais atrativos no que se refere à comunicação on-line.

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Deggene e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 24)

Da foto do usuário à selfie, as redes sócias fazem transitar uma gama considerável de elementos iconográficos (fotografias, desenhos, cartazes, propagandas, ícones etc) bem com algumas produções audiovisuais, tornando-se, então, um espaço virtual de compartilhamento e constante mobilidade digital entre aqueles que estão conectados.

Um exemplo desse espaço de conectividade é o Facebook. Diariamente, milhares de pessoas se conectam a essa rede social. Nela, cada usuário possui o seu próprio perfil e uma página personalizada a partir de cores e ícones que o programa oferece. Isso garante uma identidade, um espelhamento entre o eu-real e o eu-virtual.

Vejamos o Facebook. Ele não é uma companhia editorial. Não cria nenhum de seus conteúdos. Não escreve ou posta artigos, e nem inseri filmes ou imagens para os clientes verem e apreciarem. Ele permite que seus usuários façam tudo isso por seu próprio interesse. (COMM, 2009, p. 2)



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Essa relação, para alguns até narcísica, justifica-se como um procedimento comum em um ambiente em rede e permite que o eu-virtual se sinta à vontade na sua página eletrônica, curtindo, postando, agregando novas conexões ou bloqueando outras. “De um modo geral, a mediação pelo computador oferece novos lugares, ou seja, novos espaços para conhecer parceiros com interesses em comum e estabelecer laços iniciais.” (RECUERO, 2009, p. 43).

O indivíduo tem a sensação de estar “livre” para o gerenciamento de sua ágora virtual, durante a publicação de textos e na circulação de imagens próprias ou provenientes de outro perfil conectado ao seu.

Nesse ambiente on-line, há textos verbais, porém os textos visuais são os mais visíveis, publicados, compartilhados, curtidos e armazenados pelos usuários. Logo, nota-se que no Facebook a circulação de textos é constante e rápida, fazendo, por exemplo, com que uma mesma imagem seja compartilhada, migrando, exaustivamente, para outras páginas conectadas à Rede.

Do ponto de vista discursivo, a circulação desse tipo de texto produz também um movimento na/da produção de sentidos, visto que uma imagem ao migrar de uma página eletrônica a outra, poderá carregar consigo outros efeitos de sentido, pois ela não está isenta das relações sociais, culturais e ideológicas que a cerceiam em cada local em que estiver circulando, porque há um dizer e quem diz, diz de algum lugar ideologicamente marcado por uma determinada ordem do discurso (PÊCHEUX, 1995).

Portanto, ao considerarmos o Facebook como uma ágora virtual da modernidade, afirmamos que nela há discursos e com eles existem ideias e dizeres que transitam, produzindo confrontos, alianças, disputas, apagamentos e lutas em torno do discurso que tais imagens venham a produzir nesta ou naquela página eletrônica.

Imagem, historicidade e condições de produção



Figura 1 – Imagem divulgada em uma rede social²

A imagem acima circulou virtualmente nos meses de novembro a dezembro de 2015 por meio da página eletrônica no Facebook da usuária denominada *Socialista Morena* a qual também possui um website (www.socialistamorena.com.br) em que descreve seus princípios sociais e ideológicos bem como faz circular outras imagens.

Essas fotos (Fig.1) fazem parte de uma montagem visual entre duas épocas. A fotografia superior estilizada em preto e branco, mais envelhecida, parece ter sido retirada de um arquivo histórico e apresenta soldados imobilizando um jovem de maneira hostil, já a segunda imagem, diferentemente da outra, mostra-nos uma ação em cores vivas, remetendo ao fotojornalismo dos veículos de comunicação impresso e televisivo, nela um grupo de policiais militares também imobiliza um rapaz.

Separadas historicamente por 51 anos, ambas trazem uma marca cronológica que as inscrevem em um dado momento histórico, social e político. O ano de 1964, no Brasil, é conhecido como o início da Ditadura Militar, uma época de grande censura e perseguição

²Disponível em <https://www.facebook.com/SocialistaMorena/photos/pb.419178804809295.-2207520000.1457026351./986724828054687/?type=3&theater>. Acesso em 11 dez 2015.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

àqueles que eram contrários ao poder estabelecido o que provocou a luta de movimentos estudantis e o exílio de artistas, escritores e líderes sociais.

O Golpe de Estado de 1964 representa uma ruptura como o pacto populista inaugurado por Vargas e mantido por Goulart. Dentre as várias consequências que se lhe seguiam, destaca-se, de imediato, a suspensão das formas constitucionais de representatividade, substituídas no exercício do poder pelas Forças Armadas que, pretextando salvar a pátria da corrupção, da desordem, do desmando e do comunismo, elaboraram a doutrina da segurança e do desenvolvimento nacionais. Com tais propósitos, politizou-se a corporação militar que se perpetuou por 20 anos no poder, instaurando o autoritarismo no Brasil (INDURSKY, 2013, p. 17)

Enquanto que o ano de 2015 configura-se como um tempo marcado pela contemporaneidade moderna, grandes inovações tecnológicas, instabilidades sociais e econômicas, manifestações públicas nas quais determinados grupos reivindicam seus direitos, fazendo o uso, inclusive, das redes sociais para disseminar suas ideias e convocar simpatizantes em prol de uma causa.

Além da historicidade descrita, essas imagens são atravessadas pelos dizeres que constituem os discursos circulantes em cada referida época, ou seja, as fotografias dizem o que dizem a partir de um lugar específico e crivado pelo ideológico e social de seu momento de erupção, pois as condições de produção afetam diretamente o sentido em ambas. “[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Por esse viés, a imagem do jovem imobilizado de 1964 distancia-se, no que diz respeito à produção de sentido, da representada em 2015, apesar de serem cenograficamente semelhantes. A primeira associa-se aos discursos em torno da Ditadura Militar, já a segunda, refere-se às manifestações ocorridas no final de 2015 de estudantes contrários ao fechamento de algumas escolas no Estado de São Paulo.

Assim, as condições de produção do discurso em cada imagem nortearão as possíveis leituras e a significação extraída desse percurso visual que constrói os sentidos, ancorando-os em um determinado lugar de dizer, um local que também faz emergir as formações discursivas (FDs), trazendo à tona os embates discursivos submersos na iconografia dessas fotografias.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Formação discursiva, memória e efeitos de sentido

Michel Pêcheux define formação discursiva (FD) como algo que faz parte de uma formação ideológica, visto que o sujeito é constituído enquanto sujeito do seu dizer pelo ideológico.

[...] chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc) (PÊCHEUX, 1995, p. 161)

Essa postura ideológica que constitui os sujeitos no discurso é perceptível nas imagens que analisamos. Na foto de 1964, os soldados, representantes de uma instância enunciativa, estão filiados à FD do Governo Militar e nessa condição, são interpelados a agirem mediante as imposições dessa instância discursiva, tornando-se agentes que policiam e desarticulam qualquer forma de resistência à ordem pública vigente, na visão de Althusser (1985), eles representam um exemplo do aparelho repressivo do Estado.

O papel do aparelho repressivo do Estado consiste essencialmente, como aparelho repressivo, em garantir pela força (física ou não) as condições políticas da reprodução das relações de produção, que são em última instância relações de exploração. Não apenas o aparelho de Estado contribui para sua própria reprodução (existem no Estado capitalista as dinastias políticas, as dinastias militares, etc) mas também, e sobretudo o Aparelho do Estado assegura pela repressão (da força física mais brutal às simples ordens e proibições administrativas, à censura explícita ou implícita, etc) as condições políticas do exercício dos Aparelhos Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1985, p. 74)

Por sua vez, o jovem imobilizado pelos representantes do governo militar vincula-se à FD dos movimentos estudantis e sociais, um espaço discursivo que se caracteriza, especialmente, pela resistência ao discurso proposto pela FD dos militares. Esses embates, confrontos e disputas do que deve ser dito ou não estão representados na fotografia de 64, em que os soldados e o rapaz confrontam-se, pois são subjetivados por diferentes FDs as quais organizam a vida social, cultural e política desses sujeitos.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2008, p. 8-9)

Essa luta em torno do que deve ser dito ou não nas arenas sociais também ocorre na imagem de 2015. Nessa foto, os policiais militares vinculam-se à FD do Governo do Estado de São Paulo e por meio dela, são autorizados e legitimados a agirem fisicamente no controle e desarticulação de qualquer tipo de manifestação que venha a interferir nos espaços públicos.

Assim, quando um grupo protesta ou ameaça os interesses propostos e estabelecidos pela FD do Governo de São Paulo torna-se necessário o uso do aparelho repressivo (polícia) e de sua hostilidade física como demonstra a fotografia de 2015, não é apenas um jovem que está imobilizado, impedido de manifestar-se, mas a FD dos estudantes a qual ele está filiado que, discursivamente, precisa ser silenciada, calada nas arenas do discurso.

A FD dos grupos de resistência, representada pelos jovens imobilizados em cada respectiva época, luta pelo direito de dizer algo, protestar contra os discursos que lhe foram impostos por meio de outras FDs (soldado/militares/policial/Estado). Nesse confronto de diferentes instâncias discursivas, teremos alianças, embates e disputas entre outras FDs que poderão filiar-se a este ou àquele discurso.

Um exemplo disso ocorre na página do Facebook da enunciadora denominada *Socialista Morena* a qual se declara politicamente como de esquerda, ou seja, ao reproduzir e fazer circular em sua rede social a montagem fotográfica com as duas imagens, fica evidente que sua FD vincula-se à FD da resistência e se opõe diretamente aos discursos autoritários filiados a determinadas instituições governamentais.

Essa relação entre uma FD com outra FD ou outras FDs é possível graças ao interdiscurso, já que um discurso traz elementos de outro discurso, permitindo com que novos dizeres venham à tona em sua materialidade discursiva “[...] uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs)[...]” (PÉCHEUX, 1990, p. 314).

A interdiscursividade inerente aos discursos faz emergir também uma memória inscrita no já dito chamada de memória discursiva. Por meio dessa memória, vestígios, fios



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

interdiscursivos de outros dizeres podem ser retomados quando um enunciado é proferido, pois ela é um espaço de mobilidades do/no discurso.

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos. (PÊCHEUX, 1999, p. 56)

No caso das imagens em análise, há uma memória que ecoa de sua materialidade visual e aciona outros discursos em sua significação. Nesse sentido, a fotografia de 64 recupera outros dizeres inscritos em sua historicidade como as canções de protesto, as torturas praticadas nos porões da ditadura, a censura imposta, o AI-5, o caso Wladimir Herzog, a caça aos contraventores chamados de terroristas, a contracultura entre outros eventos. Tudo isso, de certo modo, está produzindo sentido em sua composição imagética.

Vale lembrar que essa memória discursiva também é rememorada na imagem de 2015. Ao mostrar o que se mostra, ela ativa os discursos em torno da Ditadura Militar, não apenas pela semelhança cenográfica entre os atores que compõem cada cena, porém, especialmente, pela relação icônica e discursiva que uma fotografia estabelece com a outra.

Essa sobreposição entre as imagens é chamada de intericonicidade por Courtine (2013) quando uma imagem está sob outra imagem, ou seja, sob a foto de 2015 está a de 64, é uma imagem que, discursivamente, retoma outras imagens e cria a sensação de que aquela visualidade já fora vista em outro lugar.

Toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco. Existe um “sempre já” da imagem. Essa memória das imagens pode ser memória das imagens externas, percebidas, mas pode ser igualmente a memória das imagens internas, sugeridas, “despertadas” pela percepção exterior de uma imagem (COURTINE, 2013, p.43)

Por isso, o sentido não se estabiliza, movimenta-se, desloca-se nessas relações interdiscursivas entre as FDs que fazem emergir uma memória presente nos discursos. Essa memória constitui fendas de leitura importantes na construção do sentido sobre as imagens em pauta.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Quando separadas, cada fotografia poderá produzir um novo efeito de sentido ao migrar para outras páginas sociais dentro do próprio Facebook, uma rede de grande mobilidade imagética, mas unidas na mesma materialidade visual no espaço eletrônico da usuária *Socialista Morena* cria-se o efeito de que a postura autoritária do Estado sobre o direito de manifestar-se continua a mesma após 51 anos, ou seja, é preciso o uso dos aparelhos repressivos para se calar certos discursos em uma sociedade dita “democrática”.

É bom ressaltar que os efeitos de sentido dessas imagens ao circularem entre as páginas eletrônicas das redes sociais, como o Facebook, estarão subordinados à determinada FD. Por exemplo, um usuário que politicamente defende a volta do regime militar ao poder no Brasil, fará uma leitura das fotografias mediante as condições de produção em que seu discurso está subjetivado. “Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva [...]” (ORLANDI, 2010, p. 53).

Nesse sentido, “curtir” e “compartilhar” tais fotografias, discursivamente, equipara-se a vincular ou confrontar certa FD. Como as redes sociais se transformaram em um suporte discursivo no qual a imagem destaca-se mais em relação a outro tipo de materialidade, sua circulação, nesta ou naquela página, implicará novos efeitos de sentido sobre os discursos, estabelecendo alianças ou confrontos nessa ágora virtual moderna em que cada usuário reivindica o direito de dizer algo, contudo o que for dito ou mostrado, não estará imune das disputas de poder em torno do que deve ser dito ou não na ordem discursiva.

Considerações finais

A circulação de imagens nas redes sociais é uma característica marcante desse tipo de ambiente virtual que conecta as pessoas e seus dispositivos eletrônicos a uma rede global de comunicação cada vez mais presente na vida cotidiana de seus usuários.

Estar desconectado dessa rede é sentir-se excluído de uma prática que alterou a relação do homem com o meio que o cerca, por outro lado, pode ser visto como um ato de resistência diante da imposição moderna de um sistema informatizado que possui seus próprios interesses.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Entendemos que o Facebook é uma ágora virtual moderna de conectividade no ciberespaço compartilhada por milhares de usuários, um suporte digital por onde trafegam, instantaneamente, centenas de imagens em poucos segundos. Essa proliferação visual carrega consigo uma produção de sentido e se há sentido, há também discursos e com eles uma relação interdiscursiva entre diferentes FDs. Talvez, muitos frequentadores dessa ágora não tenham consciência de tais relações, mas ao curtirem ou compartilharem esta ou aquela imagem, não estarão ilesos dos efeitos de sentido que cerceiam os discursos e as disputas do que deve ser dito ou não em certa ordem dos dizeres. Sem dúvida é um campo fértil para os estudos discursivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Trad. Walter J. Evangelista e Maria Laura V. Castro. Introdução Crítica José Augusto G. Albuquerque. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COMM, J. *O poder do Twitter*. São Paulo: Editora Gente, 2009.
- COURTINE, J.-J. *Decifrar o corpo*: pensar com Foucault. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17.ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 9.ed. Campinas: Pontes, 2010.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. 2.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Trad. e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.
- RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.